

É tão impossível negar a natureza política do processo educativo quanto negar o caráter educativo do ato político. Isto não significa, porém, que a natureza política do processo educativo e que o caráter educativo do ato político esgotem a compreensão daquele processo e deste ato. Isto significa ser impossível, de um lado, uma educação neutra, que se diga a serviço da humanidade, dos seres humanos em geral; de outro, uma prática política esvaziada de significação educativa. Neste sentido, é que todo partido político é sempre educador, e, como tal, sua proposta política vai ganhando carne ou não na relação entre os atos de denunciar e anunciar. Mas, é neste sentido também que, tanto no caso do processo educativo quanto no do ato político ou do Partido, uma das questões fundamentais seja a clareza em torno do a favor de quem e do que, portanto contra quem e contra o que fazemos a educação e a favor de quem e do que, portanto contra quem e contra o que desenvolvemos a atividade política. Quanto mais ganharmos esta clareza através da prática tanto mais percebemos a impossibilidade de separar o inseparável: a educação da política. É em favor do que e de quem que está na origem mesma do partido e de sua luta determina a maneira como sua prática educativa se dá e na qual se incorporam a denúncia e o anúncio antes referidos, bem como o objeto da denúncia e do anúncio. Um partido de classes dominantes, por exemplo, em primeiro lugar, não pode denunciar as verdadeiras causas

dos níveis de pobreza e de miséria das mas-
 sas populares, mas, pelo contrário, ^{que ele pode e} falar
 delas, quando fala, de tal maneira que
 aquelas causas se ocultem. No fundo, a gran-
 de denúncia que fazem os dominantes é a
 denúncia de quem os denuncia e à sua
 ordem, vistos sempre por eles como "subver-
 sivos" e "desordeiros." Por outro lado, que
 anúncio podem os dominantes fazer a não
 ser, no máximo, o da "mudança na con-
 tinuidade?" Por tudo isto não pode um par-
 tido dos dominantes estar jamais com
 as massas populares, mas contra elas e
delas servindo-se. É em favor de quem é
 de quem dos dominantes, que o seu par-
 tido procura viabilizar, através de um seu
 número de filigranas e ^{de} engodos, explica a
 intenção de sua prática educativa no sen-
 tido da preservação do estabelecido. A
 relação do partido dos dominantes com as mas-
 sas populares, através do discurso ou de a-
 ções assistenciais, é sempre manipuladora.
 O discurso ou as ações assistenciais procuram
 antes ocultar do que desvelar. Isto não
 significa, porém, que as massas populares
 se deixem sempre docilmente enganar por
 tais discursos e por tais formas de ação. U-
 ma prática político-pedagógica a ser desen-
 volvida por militantes de um partido de
 massas, neste caso, seria, não a de tentar
 "levar" a população de uma favela a
 recusar a água e a luz, por exemplo,
 que lhe chegam como engodo político,
 ou crítica-la por aceitar algo tão importante ^{para ela,} ^{para ela,}
 mas, pelo contrário, reconhecendo o direi-

To. que tem a população de ter água e luz, trabalhar com ela para transformar o sentido falso da doação em reivindicação do povo. Em última análise, um partido de elite não pode realizar uma educação que, desenvolvendo-se na intimidade mesma dos movimentos populares, ajude as massas a fazer melhor o que já estão fazendo para assim fazer o que ainda não foi feito. Esta sim, é uma das tarefas político-educativas de um partido de massas como o P.T. 6 em favor de que e o em favor de quem, o contra que e o contra quem em torno dos quais o PT se vem constituindo, ao nascer no corpo mesmo de movimentos sociais, lhe exigem uma compreensão e uma prática necessariamente diferentes, enquanto educador. O PT não pode ser o educador que já sabe tudo, que já tem uma verdade intocável, diante de uma massa popular incompetente a ser guiada e salva. Um educador para quem o futuro seja algo pre-estabelecido, uma espécie de fado ou de sina ou de destino irremediável.

Enquanto educador, se, de um lado, não pode aceitar que a educação seja a alavanca das transformações sociais não pode, por outro, desconhecer o seu papel indiscutível nestas transformações. Papel que se realiza, entre outros momentos, fundamentalmente, no esforço mobilizador e organizador das massas populares como tam-

4

tem no da capacitação de seus quadros de militantes.

É preciso, contudo, chamar a atenção para o fato de que a questão não está apenas em proclamar verbalmente a opção pelas classes e setores dominados, mas ter uma prática político-pedagógica rigorosamente coerente com a proclamação verbal. Uma coisa é a expressão oral da opção pelas classes oprimidas, pelas massas populares, a outra é uma prática elitista, quando sabemos que não é o discurso o que apóia a prática mas a prática a que apóia o discurso. É então a coerência entre a sua prática e as suas opções proclamadas que virá fazendo o P.T. enquanto educador, reconhecer-se também como educando. Vale repetir: Para que o P.T. assumam o seu papel de educador enquanto partido, coerentemente com as suas opções proclamadas, ele tem de assumir também o papel de educando das massas populares. A sua tarefa formadora, como partido de massas e não de quadros, se dá na interioridade das lutas populares, na intimidade dos movimentos sociais de onde ele veio, dos quais não pode afastar-se e com os quais deve aprender sempre.

Só os educadores autoritários negam a solidariedade entre o ato de educar e o ato de ser educados pelos educandos, só eles separam o ato de ensinar do de aprender, de tal modo que ensina quem se supõe sabendo e aprende quem é tido como quem nada sabe.